

O próximo Governo tem de dar mais pedalada ao uso da bicicleta nas cidades

A Federação portuguesa de Cicloturismo e Utilizadores de Bicicleta (FPCUB) e a Mubi - Associação para a Mobilidade Urbana em Bicicleta, acreditam que não há ponto de retorno no caminho para o incremento do peso da mobilidade activa (quer a pé, quer de bicicleta) no quotidiano das cidades portuguesas. Mas conscientes da lentidão com que tem sido posta em prática a Estratégia Nacional para a Mobilidade Activa Ciclável (ENMAC), pedem mais pedalada ao Governo que aí vem. Ambas entregaram propostas aos partidos que vão a votos a 30 de Janeiro, e o líder da federação, José Manuel Caetano, deixa um aviso: “Isto não pode ficar na gaveta”.

Quem ler os dois documentos vai encontrar propostas no sentido de uma aposta em serviços de bicicletas partilhadas, de mais estacionamento seguro na via pública, de mais educação para o uso da bicicleta nas escolas, de mais apoios fiscais a um veículo que continua a ser tratado, neste aspecto, como se não fosse um veículo mas um simples objecto de lazer. E sim, claro, mais ciclovias e vias com acalmia de tráfego onde os vários modos possam conviver, em cidades onde a articulação entre o andar a pé ou usar o velocípede e, a seguir, entrar num transporte público, deveria ser cada vez mais fácil. Estes são pontos comuns às duas organizações

Uma enorme mudança cultural

(...)

Na verdade, pouco do que as duas entidades defendem, do ponto de vista prático, é novo, porque a ENMAC, aprovada há dois anos e meio, bebeu muito dos seus contributos. O que exigem é que não se percam de vista os objectivos inscritos na estratégia, e se aloquem os meios para a fazer **cumprir**. A FPCUB, propõe que se continue a ter como meta, desta vez para 2023, que 5% das deslocações sejam realizadas em bicicleta. Para cumprir a ambição de ter 10%, ou seja, mais 500 mil portugueses a usar bicicleta quotidianamente, em 2030, a Mubi pede que 20% do Orçamento despendido em transportes seja alocado para esta forma de mobilidade.

(...)

Liderar pelo exemplo

Só com medidas que mexam com o urbanismo (**construam**-se bicicletários nos prédios de habitação, pede a FPCUB), na educação, nos benefícios fiscais, nas condições infra-estruturais e na própria possibilidade de participação das comunidades no debate sobre as redes de percursos a construir é que essa mudança cultural se produzirá. “Uma pessoa pobre sonha é em ter um carro”, assinala José Manuel Caetano. E, neste campo, Rui Igreja acrescenta o quão importante seria que o país tivesse decisores e mais figuras públicas que aparecessem a usar a bicicleta quotidianamente. Sem isto, lamenta, as pessoas sentirão que a classe política lhes quer impor algo que não usa, e a mudança vai ser muito lenta.

(...)